

wammon

Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social da UFAM



PPGAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ANTROPOLOGIA SOCIAL • UFAM

Museu 
Amazonico
Universidade Federal do Amazonas

LEGENDA COSMOLÓGICA

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer o convite para elaborar a arte da capa Revista Wamon, dos discentes do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, que nesta edição traz como destaque o dossiê temático “Cosmologia, pessoa e gênero”, organizado pelos pesquisadorxs Antônio Augusto Oliveira Gonçalves (PPGAS/UFG) e Daniella Santos Alves (PPGAS/UFSCar). Assim, este desenho traz uma reflexividade na visão cosmológica do povo Desâna.

A partir dos traços cósmicos, o desenho aborda as organizações, as estruturas, as plataformas do universo indígena. Os especialistas do conhecimento Desâna fazem a leitura do sentido e do significado do universo mitológico.

A plataforma superior demonstra a estrutura do universo, aonde habitam os seres ancestrais, isto é, os heróis culturais ali habit, que são mediadores e orientadores do ciclo da vida social da população indígena. Como se pode verificar na arte, a plataforma do meio é dividida em dois universos (Cosmo e Terra) que chamamos de caminho da passagem dos seres de nuvens. Nesse espaço cósmico, existem outros seres que fazem a ligação com as duas plataformas (Fenômeno-Humano-Natureza).

A plataforma inferior representa a Terra, aonde habitam as diversidades humanas, manifestadas como “corpos”, “gênero”, “pessoa”, “povos”. Cada ser humano e não-humano tem sua especificidade cultural. Na base, trago uma estrutura da maloca e em seu contorno o grafismo que garante a proteção para humanidade.

Dessa maneira os grandes pensadores filosóficos indígenas da cosmologia fazem sua ligação, realizando uma leitura para criar sua filosofia, seu pensar e agir. Esse desenho representa a capacidade criativa da humanidade, em especial, dxs pesquisadorxs, que têm a capacidade de criar seus conceitos e definições com seu olhar crítico e, assim, trazer e buscar uma discussão inovadora de várias temáticas sobre o conhecimento indígena e o conhecimento científico.

“Para os índios, a terra é o reflexo do céu. Eles detêm o conhecimento e aplicam na ecologia e na biodiversidade”

Jaime Diakara | 2020



Legenda Cosmológica

Volume 5 | Número 1 | Ano 2020

WAMON

Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social da UFAM



Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social da UFAM

Comissão Editorial (2020)

Editores Responsáveis

Eriki Aleixo de Melo
Diego Omar da Silveira

Editores-executivos

Itala Tuanny Rodrigues Nepomuceno
Marcos Alan Costa Farias
Luiza Maria Fonseca Câmpora
Vinicius Cosmos Benvegnu
Riccardo Rella
Ianna Paula Batista Gonçalves
Luis Felipe Costa
Silvia Katherine Pacheco Teixeira

Org. do dossiê “Cosmologia, pessoa e gênero” (v. 5 n. 1 – 2020.1)

Antônio Augusto Oliveira Gonçalves
PPGAS/UFU

Daniella Santos Alves
PPGAS/UFSCar

Capa

Jaime Diakara

Diagramação

Luis Felipe Costa

Revisão

Equipe Editorial

Produção Editorial da Revista Eletrônica

Tito Fernandes

Projeto Gráfico

Luiz D. da Paz

Assessoria de Comunicação

Luis Felipe Costa
Marcos Alan Costa Farias

Revisor de inglês

Riccardo Rella

Conselho Editorial

Alfredo Wagner Berno de Almeida
UEA/UFAM

Ana Carla dos Santos Bruno
INPA/UFAM

Charles Hale
Texas University

Deise Lucy Oliveira Montardo
UFAM

João Dal Poz Neto
UFJF

João Pacheco de Oliveira Filho
MN/UFRRJ

José Exequiel Basini Rodrigues
UFAM

José Guilherme C. Magnani
USP

Márcia Regina Calderipe Farias Rufino
UFAM

Márcio Silva
USP

Thereza Cristina Cardoso Menezes
CPDA/UFRRJ

Ficha catalográfica

W243 Wamon - Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM. Manaus: Edua, 2020 – v.5 n.1; 30cm.

ISSN: 2446-8371
Semestral

1. Antropologia. 2. Etnografia. 3. Ciências Humanas.

CDU 316.4(811.3)

**Pareceristas *Ad Hoc* do dossiê temático
“Cosmologia, pessoa e gênero”**

Adriana García Martínez

Pesquisadora independente/México

Antônio Augusto Oliveira Gonçalves

UFG

Avelino Gambim Júnior

UNIFAP

Camila Mainardi

UFG

Daniella Santos Alves

UFSCar

Emília Guimarães Mota

UFG

Felipe Sotto Maior Cruz

UNEB/UnB

Flávia Valéria Cassimiro Braga Melo

UEG

Gicele Sucupira

UNIR/UFSCar

Juliana Vaz da Silva Nunes

UFU

Julieta Briseño Roa

UNAM/México

Jurema Machado de Andrade Souza

UFRB

Lauriene Seraguza Olegário e Souza

USP

Luiz Davi Vieira Gonçalves

UEA

Márcio Ferreira de Souza

UFU

Melissa Santana de Oliveira

UFSCar

Mônica Thereza Soares Pechincha

UFG

Robert Mori

UFU

Roberto Murilo Xavier Reis

UFG

Rochelle Foltram

UFSCar

Socorro de Souza Batalha

UFAM

Tatiana Lotierzo

UnB

Thiago Oliveira

USP

**Pareceristas *Ad Hoc* das demais seções
nesta edição (artigos livres, ensaios fo-
tográficos, resenhas e entrevistas)**

Allan S. Rodrigues

UFAM

Diego Omar da Silveira

UEA

Elieyd Sousa de Menezes

UFMA

Eriki Aleixo de Melo

UFAM

Glacy Ane Araujo de Souza dos Santos

UFAM

Jordeanes do Nascimento Araújo

UFAM

Larissa de Albuquerque Silva

UFAM/UFES

Mônica Xavier de Medeiros

UEA

Natã Souza Lima

UFAM

Vinicius Cosmos Benvegnu

UFAM

SUMÁRIO

EDITORIAL

- Pela autoridade da ciência antropológica | 11
Eriki Aleixo de Melo e Diega Omar da Silveira

ENTREVISTA

- Entrevista com Gilton Mendes dos Santos | 17
Riccardo Rella

DOSSIÊ TEMÁTICO “COSMOLOGIA, PESSOA E GÊNERO”

- Apresentação do dossiê temático: “Cosmologia, pessoa e gênero” | 25
Antônio Augusto Oliveira Gonçalves (Org.) e Daniella Santos Alves (Org.)

- Política em desequilíbrio perpétuo: considerações sobre relações de gênero
e geracionais na política e na moralidade kaiowá | 31
Diógenes Egídio Cariaga

- Da prática ao pátio: performances e gênero nos processos de ensino e
aprendizagem dos cantos timbira | 49
Lígia Raquel Rodrigues Soares e Odair Giralдин

- O cuidado das comadres: gênero e semelhança num contexto Nahua | 63
Lucas da Costa Maciel

- Aprendendo a ouvir as mulheres Kawaiwete-kaiabi: um breve relato etnográfico | 75
Jéssica Zaramella

- Corpo e pessoa Assuriní: práticas de resguardo na aldeia indígena Trocará | 89
Bárbara de Nazaré Pantoja Ribeiro

- Do encontro das águas, Dinahi: reflexões ancoradas no feminino | 103
Adan Renê Pereira da Silva e Ericky da Silva Nakanome

- Da sociedade dos vivos à sociedade dos mortos: urnas mortuárias e dinâmicas
transformativas no “Sertão do Gentio Cayapó” – séc. XVIII e XIX | 119
Tayná Bonfim Mazzei Mazza

- Como amarrar o céu com firmeza? | 135
Alberto Luiz de Andrade Neto

ARTIGOS LIVRES

‘Tá grávida do que?’: (re)pensando as relações de gênero no Chá de Revelação | **153**
Vanessa Fonte

Da experiência do cinema novo ao novo cinema brasileiro do século XXI: uma abordagem sociológica e política do filme Bacurau | **165**
José de Lima Soares

Garotas de programa em Teresina: produções do corpo no contexto da prostituição | **191**
Marcos Paulo Magalhães de Figueiredo

ENSAIOS FOTOGRÁFICOS

Devoções em marcha no Círio de Nazaré | **207**
Cristian Sicsú da Glória

Imagens sensíveis, Brumadinho 2019 | **215**
Isis Medeiros

RESENHA

STENGERS, Isabelle. 2015. No tempo das catástrofes. São Paulo: CosacNaify. | **227**
Pablo Baptista Rodrigues

EDITORIAL

PELA AUTORIDADE DA CIÊNCIA ANTROPOLÓGICA

Eriki Aleixo de Melo¹
Diego Omar da Silveira²

A Revista Wamon chega ao seu sexto ano com mais uma edição. Uma vitória a ser celebrada, mesmo em tempos tão difíceis, nos quais assistimos tombarem milhares de pessoas e sentimos a dor de perder lideranças que guardavam a memória ancestral dos povos da Amazônia.

Tempos que alteraram drasticamente as formas de viver e se relacionar em várias partes do mundo e nos quais precisamos (re)situar nossas práticas de pesquisa tendo em vista as atuais condições de isolamento social, limitações de deslocamento e conseqüentemente as condições materiais em que elas surgem e sobre as quais repercutem. Os impactos da pandemia do Covid-19, que tem nos colocado diante de uma das maiores crises sanitárias da modernidade, ainda são incertos. Mas todos sabemos que são reais e que têm modificado a forma e pensar e produzir nas mais diferentes áreas do conhecimento, o que inclui, é claro, a Antropologia.

Tempos de negacionismos, marcados pela desautorização da ciência, disseminação de fake news e perseguição às instituições de ensino superior e pesquisa e seus corpos profissionais. No caso da Antropologia, os ataques têm sido ainda mais frequentes, desde a Comissão Parlamentar de Inquérito... até o tom belicoso de vários membros do atual governo que não cessam de acusar antropólogos e antropólogas de promoverem “balbúrdia” nas Universidades, além de invasões de terra, de se vincularem a interesses internacionais e de tramarem contra órgãos do estado, como a Fundação Nacional do Índio (Funai) e os Distrito Especiais de Saúde Indígena (DSEI's). Trazendo de volta o fantasma da ditadura, militares e missionários evangélicos avançam sobre Terras Indígenas enquanto se estabelece uma nova política de impedimento de trabalho de campo, perseguições e demissões de indigenistas e de assassinato de militantes e lideranças indígenas e quilombolas. Alguns companheiros de trabalho, antropólogos e cientistas sociais, tem vivido na pele esse drama, ainda mais triste quando culminado em atos de violência física e no martírio desses lutadores.

Compreendemos que esse é um momento importante, em que é preciso manter nossos projetos em pé, como forma de esperança no futuro. É também um momento em que nós precisamos nos pronun-

¹ Doutorando em Antropologia Social na Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Pesquisador do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA). E-mail: eriki.aleixo@hotmail.com

² Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É professor assistente no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e membro da Rede de Pesquisa: História e Catolicismo no mundo contemporâneo, do Centro de Estudos Políticos, Religião e Sociedade (CEPRES) e do Laboratório de Estudos Panamazônicos Práticas de Pesquisa e Intervenção Social (LEPAPIS). E-mail: diegomarhistoria@yahoo.com.br.

ciar, ocupar os espaços públicos com informações confiáveis, com o produto de nossas pesquisas, com projetos de intervenção que fortaleçam a defesa da educação gratuita e de qualidade, do estudo como forma saudável de compreender e vencer os desafios que se impõem, da saúde pública que tem salvado milhares de vidas em um país tão desigual como o nosso, enfim, da democracia como sistema político em que diferentes grupos políticos e ideologias se dispõem ao debate saudável e construtivo.

Nesse sentido, esse número da Revista Wamon, assim como o de tantos outros periódicos científicos, produzido em meio a tantas turbulências, busca levar ao público o trabalho de pesquisadores e pesquisadoras empenhados no avanço do debate acadêmico, mas igualmente atentos às questões sociais e políticas de nosso país. O crescimento do fluxo de textos e do número de pessoas envolvidas com nossa revista nos faz acreditar que todo o esforço tem valido a pena. Internamente, depois de passarmos por uma transição da antiga para a nova equipe editorial (em 2019 contamos com apenas 2 editores) novos mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) se incorporaram ao nosso corpo editorial. Os resultados, para além de mantermos a periodicidade, é que passamos a divulgar os textos publicados na Revista também nas redes sociais (com a criação de uma página na rede social Instagram: @revistawamon), ampliamos o número de pareceristas (por meio de uma chamada pública) e retomamos a DOI () para os artigos publicados a partir dessa edição. A repercussão que temos com tudo isso é bastante satisfatória: pesquisadores e pesquisadoras de outras instituições passaram a buscar a revista com mais intensidade, seja para enviarem seus trabalhos ou para organização de dossiê temáticos.

No sentido de estreitar laços com a produção das linhas de pesquisa do PPGAS e divulgar a produção local, damos continuidade também à publicação de entrevistas com professores da UFAM que discutem em suas pesquisas temas próximos aos propostos nos dossiês. Nesse número, um dos nossos editores, Riccardo Rella, entrevista o professor Gilton Mendes do Santos, coordenador do Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI), que tratou de sua trajetória acadêmica vinculada ao estudo dos povos indígenas e sobre sua experiência em trazer para a Universidade a voz dos próprios indígenas, que nos revelam novos mundos ontológicos e outras reflexividades.

Para nós, também é motivo de grande satisfação seguirmos publicando os dossiês temáticos. Desta vez trazemos o dossiê “Cosmologia, pessoa e gênero” organizado pelos antropólogos Antônio Augusto Oliveira Gonçalves, do PPGAS/UFMG, e Daniella Santos Alves, do PPGAS/UFSCar, que traz 8 (oito) artigos tratando de temas específicos, aprofundados, e minuciosamente avaliados por esta nova rede de pesquisadorxs. A experiência de construir a Revista Wamon em conjunto, como se mostrou com estes dois/duas pesquisadorxs ao discutir cada passo, continua sendo uma experiência instigante e satisfatória, marcada pelo companheirismo, solidariedade e aprendizado mútuo, mesmo porque entender que este periódico, trata-se de um projeto que é fruto de iniciativa dos alunos e alunas, que enfrenta as mais dificuldades de cunho burocrático e financeiro, é essencial para que possamos levar aos leitores e leitoras um trabalho sério, ético e que possa cumprir a função social da pesquisa científica produzida nas universidades e instituições públicas. Este é um ponto que não podemos perder de vista em um momento como este. Aproveitamos para agradecer a colaboração destxs pesquisadorxs.

Entre os artigos de temática livre, contamos com 03 (três) trabalhos. O primeiro, intitulado ‘*Tá grávida do que?: (re)pensando as relações de gênero no Chá de Revelação*, de Vanessa Fonte, aborda a categoria gênero como facilitadora da compreensão das dinâmicas que envolvem os processos gestacionais antes da realização de festas durante a gravidez. A autora traz elementos etnográficos de seu campo (em Goiânia, GO) para analisar como gênero pode operar como categoria analítica que permite compreender

vários elementos dos “processos gestacionais como, por exemplo, a descoberta do sexo e a nomeação, meio pelo qual, o feto conquista externamente consciência social e adquire identidade própria na comunidade”.

Marcos Paulo Magalhães de Figueiredo nos apresenta seu estudo sobre as *Garotas de programa em Teresina*. Ele analisa, à luz de Mauss (2017) e Le Breton (2006; 2016) as produções do corpo no contexto da prostituição, de tal modo que por meio de questionários semiestruturados e do trabalho de campo o leitor perceba como fatores econômicos e subjetivos misturam-se produzindo um corpo momentâneo que se dispõe/prepara para a prostituição.

Por fim, José de Lima Soares, traz *uma abordagem sociológica e política do filme Bacurau* e estabelece uma linha *Da experiência do cinema novo ao novo cinema brasileiro do século XXI*. Conforme o autor, “a ideia é demonstrar que o surgimento do Cinema Novo significou um avanço para além dos limites do cinema da época, mostrando a realidade social e política” e que “dessa experiência surge uma nova linguagem que no cinema abre caminho para uma produção cinematográfica inovadora e uma interpretação crítica da realidade social e política brasileira”.

Na seção de ensaios fotográficos temos dois trabalhos. O primeiro – *Devoções em marcha no Círio de Nazaré*, de Cristian Sicsú da Glória – traz uma mirada fotográfica da capital paraense durante as procissões e eventos culturais em homenagem à Santa, em sintonia com a vasta bibliografia sobre o Círio e a devoção à Nossa Senhora no Pará. Já o ensaio *Imagens sensíveis, Brumadinho 2019*, da fotógrafa Isis Medeiros, nos traz à memória os crimes reiterados da mineração no Brasil através de imagens capturadas em Brumadinho, Minas Gerais, após o rompimento de uma barragem de rejeito da Vale.

Fechando esse número temos a resenha de Pablo Baptista Rodrigues sobre o livro de Isabelle Stengers, intitulado *No tempo das catástrofes* (São Paulo: CosacNaify, 2015). Uma leitura instigante que dialoga bastante com os trabalhos que compuseram do dossiê temático.

Conforme temos insistido nos números anteriores, os artigos aqui reunidos podem, é claro, ser lidos individualmente. E cada um tem a sua colaboração a dar. Mas lidos em conjunto, acreditamos que eles indicam um pouco mais de amadurecimento da Revista. Agradecemos ao PPGAS/UFAM o apoio e desejamos a todos uma excelente leitura. Convidamos, mais uma vez, para que se cadastrem no site da Revista Wamon para ter acesso a nossos próximos números, bem como para colaborar nesse nosso projeto de difusão do conhecimento. Fiquem em casa e se cuidem...

